



POR UM FUTURO MELHOR E POR MAIS EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS ESCOLAS

Luciane Caetano Nunes¹

RESUMO

As escolas em atuação no século atual precisam ter uma preocupação que vai além do simples transmitir de conteúdos e possibilitar situações de aprendizagem que problematizem questões que são sensíveis para a sociedade global. Uma das temáticas urgentes e que precisam ser uma tônica da escola é proporcionar reflexões que circunscrevam no âmbito da Educação Ambiental a fim de ser possível um futuro mais sustentável. Desse modo, este estudo objetiva principalmente debruçar-se sobre o conceito de educação ambiental, relacionando-o à sua aplicabilidade nas salas de aula a fim de possibilitar estudantes mais conscientes ambientalmente e que executem ações mais sustentáveis. Assim por meio de uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, este estudo chegou à conclusão de que a escola precisa trabalhar transversalmente a questão da preservação do meio ambiente e de modo contínuo, tendo em vista que isso é pauta urgente da sociedade global e essas mudanças de comportamento precisam ser assumidas como uma responsabilidade de todos desde a primeira infância.

Palavras-chave: Sustentabilidade; Educação Ambiental; Escola.

¹ Possui graduação em LICENCIATURA EM BIOLOGIA pela Universidade do Estado do Amazonas (2006), graduação em LICENCIATURA PLENA EM EDUCAÇÃO FÍSICA pela Universidade Federal do Amazonas (2004) e LICENCIATURA EM PEDAGOGIA pela Escola Superior Batista do Amazonas (2016). É Especialista em Educação Ambiental pela Universidade do Estado do Amazonas (2008). Mestre em CIÊNCIA E MEIO AMBIENTE pela Universidade Federal do Pará (2017-2019). Doutoranda em CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO pela Universidade Interamericana do Paraguai (2020...). Atualmente é professora concursada da Universidade do Estado do Amazonas - CESTB - UEA, no curso de Ciências Biológicas, Subárea Ensino de Ciências e Biologia - Educação Ambiental. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Ambiental e Ensino de Ciências e Biologia. Atua no Curso de Ciências Biológicas nas disciplinas de Educação Ambiental, Instrumentação para o Ensino de Ciências e Biologia, Prática de Ensino de Ciências e Biologia I, Prática de Ensino de Ciências e Biologia II, Embriologia, Estágio Supervisionado I - Educação Ambiental, Estágio Supervisionado II - Instrumentação para o Ensino de Ciências e Biologia, Estágio Supervisionado III - Prática de Ensino de Ciências Naturais, Estágio Supervisionado IV - Prática de Ensino de Biologia, Metodologia do Estudo e Saúde e Meio Ambiente; e no Curso de Pedagogia nas disciplinas de Educação e Saúde, Educação Saúde e Ambiente, Educação Ambiental, Ciências da Natureza na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental e Metodologia do Ensino/Aprendizagem das Ciências da Natureza. No Curso Especial de Primeira Licenciatura - PARFOR - Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, na disciplina de Educação Ambiental (Pedagogia - São Paulo de Olivença - AM e Manacapuru - AM), Ciências da Natureza na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental (Pedagogia - São Paulo de Olivença - AM e Manaus - AM). No Curso de Pedagogia Intercultural Indígena - P. IND - São Paulo de Olivença - AM, na disciplina de Fundamentos de Ciências Biológicas. Na Pós-graduação em Metodologia do Ensino de Biologia - UEA - SEDUC, na disciplina de Métodos Alternativos para o Ensino de Biologia. No curso de Tecnologia em Agroecologia - UEA - Tabatinga - AM, da Escola Superior de Tecnologia - EST, na disciplina de Fundamentos de Ciências da Natureza. No Curso de Ciências Biológicas Modular - UEA - Santo Antônio do Itá - AM, nas disciplinas de Estágio Supervisionado I - Educação Ambiental, Estágio Supervisionado II - Ensino de Ciências Naturais, Estágio Supervisionado III - Ensino de Biologia I e Estágio Supervisionado IV - Ensino de Biologia II.



ABSTRACT

Schools operating in the current century need to have a concern that goes beyond the simple transmission of content and enables learning situations that problematize issues that are sensitive to global society. One of the urgent themes that need to be a tonic of the school is to provide reflections that circumscribe within the scope of Environmental Education in order to be able to achieve a more sustainable future. Thus, this study aims mainly to focus on the concept of environmental education, relating it to its applicability in classrooms in order to enable more environmentally conscious students to perform more sustainable actions. Thus, through a bibliographic research of a qualitative nature, this study came to the conclusion that the school needs to work transversally on the issue of environmental preservation and continuously, considering that this is an urgent agenda of the global society and these behavioral changes need to be assumed as a responsibility of everyone from early childhood.

Keywords: Sustainability; Environmental education; School.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o ambiente tornou-se uma preocupação global. Neste quadro, torna-se cada vez mais premente a necessidade de uma educação para a cidadania ambiental, em particular, porque permitiria que diferentes atores da sociedade articulassem uma reflexão e integração de conhecimentos, atitudes e práticas; cidadãos agentes de mudança na resolução de problemas ambientais. Embora existam diversas apostas na educação ambiental, em geral ela é considerada um processo participativo e dinâmico que busca formar pessoas que possam compreender as relações de interdependência com seu meio ambiente. Um dos atores que podem favorecer estes processos são os professores, que, pelo seu papel e com as possibilidades que têm nos contextos escolares, são decisivos para a formação de competências de cidadania.

No contexto brasileiro, um dos principais quadros de referência é a Base Nacional Comum Curricular (2018), a partir da qual se abre uma série de diretrizes, em que as instituições de ensino devem incluir nos projetos educacionais institucionais a formação de competências que seguem determinados eixos temáticos para preservar os recursos naturais. Neste contexto regulatório, considera-se que a educação ambiental pode ajudar as pessoas a compreenderem a dinâmica ambiental e social para desenvolver ações que mitiguem a deterioração dos ecossistemas.



O objetivo da educação ambiental, segundo Sauv  (2003),   facilitar a compreensão e a análise das relações que temos com o meio ambiente. Assim, para este autor o propósito central deveria ser fortalecer a rede de relações que se constrói entre o meio ambiente, as pessoas e os grupos sociais. Ao definir o ambiente,   necessário reconhecer que se trata de uma realidade construída e, portanto, é relevante identificar as perspectivas a partir das quais os professores abordam o tema.

As perspectivas informam-nos sobre a interpretação que as pessoas fazem dos fen menos no seu ambiente, de acordo com o seu papel. Servem como quadro de referência para concepções de acesso e teorias leigas, ou seja, teorias de senso comum que afetam a forma como as pessoas entendem o mundo. Abordar essas questões permite compreender a racionalidade ambiental das pessoas e, com isso, aprofundar-se no que os professores pensam e fazem sobre meio ambiente e educação ambiental (LEFF, 2008).

Um aspecto central a considerar é que, por meio da identificação de diferentes perspectivas, encontram-se indícios das formas como elas se relacionam com o meio ambiente. Assim sendo, podemos reconhecer a construção de intersubjetividades nos professores e tornar visível a sua apropriação da educação ambiental por meio de suas práticas.

Para Ruscheinsky (2009), por meio desse tipo de análise sabemos como os sujeitos avaliam e tecem os significados de suas interações com a natureza. Assim,   necessário revelar e relacionar as práticas educativas, concebidas como ações intencionais dos professores no desenvolvimento de suas atividades acad micas em interação com os alunos. Ao mesmo tempo, são considerados meios para gerar experiências que podem melhorar as mesmas práticas e até mesmo transformar o processo de ensino.

Nas diferentes abordagens do tema meio ambiente na educação, Reigota e Soares (2004) identificaram cinco teorias sobre as concepções dos professores: o modelo naturalista, o modelo antropocêntrico, o modelo sist mico, o modelo de resolução de problemas e o modelo ativista. Além disso, o discurso contemporâneo também inclui considerações sobre equidade, cidadania e democracia para promover a sustentabilidade a partir de uma base ecológica (LEFF, 2004), a sustentabilidade e a biodiversidade (BOFF, 2005). Nos estudos que exploram conceitos de ensino, constatou-se que predominam abordagens



naturalistas, orientadas para a proteção e conservação, e abordagens antropocêntricas, focadas no fato de que o homem é quem administra os recursos naturais e, portanto, é responsável por cuidar deles (TRENDELL; FELDMAN, 2021).

Por exemplo, Marin (2008) relataram que os professores identificaram problemas ambientais relacionados à água a partir de uma perspectiva naturalística. Neste caso, surgiram pontos de vista que o definem como um recurso para a sobrevivência do ser humano que pode ser fonte de doenças. Essa ideia leva os professores a proporem medidas de conservação que visam fornecer guias comportamentais e gestão de projetos para o cuidado do meio ambiente. Outras descobertas sugerem que os professores integram diferentes abordagens ao tema nas suas práticas pedagógicas.

Roos e Becker (2012) identificaram modelos de ensino alinhados a uma abordagem antropocêntrica, mas também a uma abordagem sistêmica, que por sua vez coincide com as concepções dos professores sobre meio ambiente e educação ambiental.

Na revisão da literatura constatou-se que alguns autores chamam a atenção para a necessidade de superação de abordagens que se apresentam apenas a partir de uma perspectiva catastrófica e naturalista, na qual os processos sociais e de desenvolvimento estão dissociados. Neste sentido, tem sido destacada a necessidade de promover a análise e a reflexão sobre as abordagens dos professores ao tema do ambiente e talvez de repensar as formas como orientam a educação para a cidadania ambiental (REIS; FERNANDES, 2021).

Portanto, dada a importância dos professores como atores protagonistas nos contextos de formação social, este artigo debruça-se sobre o conceito de educação ambiental, relacionando-o à sua aplicabilidade nas salas de aula a fim de possibilitar estudantes mais conscientes ambientalmente e que executem ações mais sustentáveis. Logo, compreender os marcos interpretativos dos professores ao abordar a educação ambiental pode favorecer a reflexão pedagógica para que a partir do seu trabalho se comprometam a gerar espaços de reflexão escolar mais conscientes das relações consigo mesmos e da vida compartilhada com outros seres vivos (SAUVÉ, 2003).



EDUCAÇÃO AMBIENTAL: CONCEITOS E PRINCÍPIOS

A Educação Ambiental (EA) foi definida em diferentes cenários e são assumidas as definições do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente de 1987 (FEBRES, 1999), entendendo-o como o Processo através do qual o ser humano o ser será capaz de adquirir conhecimentos e experiências, compreendê-los, internalizá-los e traduzi-los em comportamentos que incluam valores e atitudes que levem a uma maior interação com o seu ambiente.

Além disso, a definição proposta por Sato (2001) é complementada pela referência ao processo como mecanismo de compreensão e transformação do mundo, levando em consideração os pressupostos básicos da qualidade ambiental. Assume-se como um projeto pedagógico multidimensional, através do qual deve ser viável gerar e consolidar novas práticas de convivência e solidariedade humana, como fundamento de uma sociedade que garanta a conservação e a qualidade das realidades ambientais.

Os princípios da Educação Ambiental são aqueles que nortearam o processo de análise dos programas. Assumindo Carneiro (2006) incluem o ético, o conceitual e o metodológico. A integração destes num programa contextualizado e com uma prática pedagógica centrada na inovação, na reflexão crítica e na criatividade, pode proporcionar a oportunidade de construir um currículo a partir da Pedagogia Ambiental, tendo como eixos norteadores os objetivos da educação.

A *Carta de Belgrado* (1975) que foi ratificada nos últimos eventos internacionais como Joanesburgo (2002) e nos *Congressos Ibero-Americanos de Educação Ambiental* de 1992 e 1997 (I e II México), 2000 (III Venezuela), 2003 (IV Cuba), 2006 (V Brasil) e que se referem ao seguinte: fornecer conhecimentos que nos permitam compreender os problemas ambientais, locais e globais; promover a aquisição de valores e atitudes individuais e coletivas; desenvolver competências e competências científicas, sociais e culturais; participação efetiva e consciente da população na busca por melhor qualidade de vida; e capacidade de avaliar processos com atores.

A estrutura dos programas acadêmicos, segundo Nozenko e Fornari (1998) deve contemplar os seguintes elementos aos quais com o objetivo de



sistematizar organizacional e administrativamente uma abordagem conceitual e metodológica que permita avaliação e replicação formal nos diferentes planos de estudos das instituições de ensino.

Esses elementos são identificação (nome da disciplina ou curso, escola ou faculdade, carreira, ciclo ou semestre, carga horária, distribuição de horas teóricas, práticas, saídas de campo e créditos do curso); finalidade geral (motivo do curso na estrutura da carreira e sua relação com outros cursos); objetivos terminais ou competências a atingir (constituem o ponto de partida para a organização das experiências de aprendizagem, os critérios e instrumentos de desenvolvimento); temáticos conteúdo (sequência lógica que garante uma aprendizagem significativa; não pode ser arbitrária e deve corresponder à finalidade e aos objetivos-competências); e objetivos específicos (formam a essência particular de cada curso – seção – porque visa dar contexto e relevância a aprendizagem).

Assim sendo, o professor deve selecionar as ações com base nos participantes, preparar um esboço antes do primeiro encontro e a partir disso desenvolver o plano completo), a experiência de aprendizagem (inclui como serão desenvolvidas as ações dos objetivos específicos e faz parte da dinâmica interativa que se estabelece no curso entre o professor e os participantes), os critérios e meios de avaliação (é uma fase de antecipação tanto para os participantes como para o professor. Logo, são estabelecidos critérios que permitem observar o processo educativo paralelamente ao alcance dos objetivos).

Além das qualificações, faz parte do processo integral do sistema de aprendizagem), elementos de funcionamento (seção dedicada a comentários ou recomendações para o desenvolvimento do curso, inventário de recursos disponíveis, procedimentos em caso de saídas de campo ou outras atividades incluídas no programa, custos associados e procedimento para revisão e atualização do programa).

CULTURA AMBIENTAL SUSTENTÁVEL NA EDUCAÇÃO

Há muitos anos o ser humano impõe suas atividades que alteram os ecossistemas e causam atrasos à sociedade. O problema ambiental tornou-se um fenômeno de alcance global prejudicial a toda a humanidade e o chamado para



lançar as bases de uma cultura ambiental é a educação. As instituições de ensino são chamadas a se tornarem aliadas estratégicas para o desenvolvimento dos valores ambientais e criarem nos alunos uma cultura ambientalmente sustentável que permita uma relação mais humana entre o homem e a natureza, considerando que os responsáveis com maior comprometimento com a degradação ambiental são as ações dos seres (SALVADOR et al., 2019).

Gato (2024) afirma que a educação ambiental tem sido frequentada por governos de vários países, com múltiplas iniciativas interdisciplinares em contextos educacionais, que são truncadas ou concluídas sem alcançar a sustentabilidade, devido à falta de cultura ambiental dos cidadãos nos diferentes cenários dos países. Maciel e Uhmman (2020) afirmam que para que os projetos tenham impacto e transformem o problema, além de serem bem desenhados e testados, devem ter condições contextuais favoráveis para sua implementação.

Atualmente, políticas para abordar o desenvolvimento sustentável ou situações relacionadas ao tema têm sido implementadas em diferentes países do mundo, e até mesmo organizações internacionais têm unido forças em favor de uma mesma causa, como é o caso do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) nº 4. na educação de qualidade dá lugar à aplicação de planos e projetos do campo educacional, porém, a situação da prática como produto do processo de ensino-aprendizagem ainda permanece indeterminada.

O consumismo praticado pelas pessoas no mundo atual tem feito com que o contexto ambiental fique cada vez mais contaminado (FACHINA; ANDRADE, 2022), razão pela qual instituições, organizações sociais e políticas devem unir forças para alcançar uma situação ambientalmente sustentável sem alterar a produção e dependendo da situação econômica do país, nas instituições de ensino urbanas é prestado o serviço de quiosques educativos, este serviço é influenciado pelos hábitos alimentares dos alunos, práticas e algumas crenças alimentares locais, razão pela qual é necessária a implementação de quiosques escolares respeitando as parâmetros de sustentabilidade alimentar (Singh et al., 2021).

Freire e Rodrigues (2020) asseguram que promover estilos de vida saudáveis implica a integração das instituições educativas, da família e da comunidade, uma atividade que promove a sustentabilidade é a prática de hortas em



ambientes escolares e familiares que deve ser promovida a partir do planejamento curricular nas instituições.

O ser humano é o responsável direto pelo cuidado e conservação do meio ambiente, pois com suas ações negativas como desmatamento, queimadas de florestas, extração indiscriminada de madeira, lixo, entre outras, estão colocando em risco a existência da vida humana. Ainda mais quando a crise sanitária da covid-19 que o mundo vive, hoje coexiste com a crise social, econômica, ambiental e humana que já se vivia antes; o que leva a direcionar as ações humanas de forma mais abrangente e responsável para reduzir ou evitar desastres.

Mendes et al. (2020) afirmam que esta situação da covid-19 permitiu que as pessoas tomassem consciência de que a Educação Ambiental é necessária, desejável e possível, porque nada pode proteger de um colapso de grande magnitude como esta pandemia. transformados globalmente, implementando práticas educativas a distância de forma a não agravarem a propagação do vírus, que teriam que ser criativas e inovadoras que respondessem à satisfação das expectativas e melhorassem a cultura dos alunos para assumirem uma atitude ecológica em relação à doença e à saúde pública práticas, a educação é chamada a preparar e persuadir os alunos sobre as epidemias e o impacto que elas têm no meio ambiente.

Pereira (2020) afirmam que a atual pandemia de covid-19 tem potencialmente causado uma mudança na abordagem educacional da educação ambiental e revelou a necessidade de trabalhar de forma abrangente para melhorar uma cultura ambiental, garantindo a saúde e o bem-estar tanto individual quanto individual. coletivamente na sociedade. Durante a pandemia de covid-19, algumas estratégias outdoor, como visitas guiadas, observatórios, estágios, foram afetadas e substituídas por encontros virtuais e a programação, metodologia e prática da educação ambiental integrada ao trabalho pedagógico tiveram que ser revertidas (BEERY, 2020), revalorizando a importância do trabalho ao ar livre e da aproximação com o mundo natural, aproveitando espaços em instituições de ensino, alojamentos estudantis e contexto comunitário, que se tornam oportunidades pedagógicas a serem aproveitadas pelos professores no atual novo sistema escolar (WINKS; WARWICK, 2021).

Svensson et al. (2022) afirmam que o objetivo da educação é alcançar as competências necessárias ao desenvolvimento integrado de cada indivíduo,



processo que se alcança ao longo dos três níveis do ensino básico regular, o que envolve alcançar em cada aluno a criatividade, o trabalho em equipe, sendo analítico e socializando o que aprendeu com seu ambiente mais próximo. Ao adquirir essas habilidades o estudante será capaz de enfrentar qualquer situação problemática ao longo de sua vida.

Cada cidade ou comunidade tem suas próprias atividades, experiências e expectativas ambientais, que devem ser consideradas no trabalho realizado nas escolas com novas abordagens de ensino adaptadas à realidade dos alunos. Só assim será possível estabelecer bases sólidas para uma educação ser formada. cultura ambiental sustentável (SEDAWI et al., 2020), sendo o caminho para a formação de uma cultura ambiental sustentável dos cidadãos, razão pela qual é considerada uma alavanca fundamental para o enfrentamento dos problemas ambientais que dão origem à situação socioeconômica do mundo.

Para Ventura et al. (2021), o crescimento econômico e tecnológico se reflete com maior intensidade nas áreas urbanas e com isso a crise ambiental aumenta em maior medida nessas áreas, por isso requer maior atenção para a promoção de espaços saudáveis, sendo as instituições de ensino urbanas as chamadas dar sustentabilidade às propostas ambientais.

Muitas vezes pensa-se em resolver problemas ambientais com atividades soltas sem uma análise prévia de integração da cultura ambiental dos alunos com as atividades que realizam permanentemente na escola, na família e na comunidade; o que gera conflitos no comportamento dos alunos por não se integrarem ou se identificarem com as referidas atividades promovidas nas instituições de ensino.

Considerando a amplitude do tema *cultura ambiental* e fazendo referência a alguns estudos realizados até à data, onde se destaca a informação global pela sua abordagem a partir das instituições de ensino, é necessário agrupar a informação em dimensões que permitam a melhoria e transformação da cultura ao mesmo tempo que salvaguarda a sustentabilidade educativa, tornando a questão mais operacional, abordando-a a partir de diferentes áreas e obtendo melhores resultados. É fundamental continuar buscando métodos eficazes para a formação atitudinal dos estudantes em relação ao cuidado e conservação do meio ambiente, implementando modelos de instituições educacionais sustentáveis (RUDYSHYN et al., 2021).



Portanto, uma das formas de compreender a amplitude do tema da cultura ambiental é investigar os diferentes contributos teóricos que servem de plataforma às afirmações sobre a mesma, determinando algumas dimensões que nos permitem proporcionar uma educação de qualidade, apostando sempre no desenvolvimento sustentável em favor de que os estudantes mudem sua forma de pensar em direção à sustentabilidade.

GLOBALIZAÇÃO, MÍDIA E PROBLEMAS AMBIENTAIS

Quando no final do século XX se tornou comum falar em globalização, um dos fatores mais influentes na configuração dessa situação foram as redes sociais e isso tornou-se evidente com os acontecimentos ocorridos entre as décadas de oitenta e noventa do século, quando a tendência globalizante e globalizante foi revelada. Nesse sentido, Ferrer (1996) sustenta que a visão global formada rompeu com a apreciação fragmentada de como o mundo vinha sendo percebido, em suas porções capitalista, socialista e de terceiro mundo, após a Segunda Guerra Mundial, no cenário da Guerra Fria.

O evento globalizante provocado pela ascensão do capitalismo através das conquistas da *Nova Ordem Econômica Mundial*, obedeceu à forma como as empresas capitalistas se globalizaram, apoiadas nas inovações da revolução industrial, na gestão tecnocrática e na injeção de capital, que proporcionaram a possibilidade de expansão até os confins do planeta e consolidação de mercados, obtenção de matéria-prima a baixo custo e mão de obra barata. Esta circunstância histórica permitiu-nos sustentar uma perspectiva renovada com um acento global que consentiu articular sistemas que integrassem a comunidade mundial, numa unidade intensamente comunicada simultânea e instantaneamente.

A facilidade de apreciar toda a terra também nos permitiu perceber um cenário complexo, incerto e acelerado, ao mesmo tempo interessante, incerto, emaranhado e paradoxal. Nesse contexto, logo se chamou a atenção para a confluência de diversidade, espanto, novidades e inconvenientes que, segundo Silva e Borges (2023), coexistem sustentados pelo processo de globalização que se impôs nos últimos anos, considerado rápido, amplo e inovador, o que



ultrapassa a capacidade de reflexão e análise sobre as mudanças que a economia contemporânea está impondo.

A concretização deste processo é conhecida no campo da comunicação como aldeia global, que é percebida como uma construção do processo capitalista globalizado. Na verdade, o resultado é que as comunicações conseguiram integrar a comunidade internacional num cenário intensamente informado, de forma síncrona e no momento do evento. Esta articulação resultou numa intrincada rede onde dados, notícias, informações e conhecimento fluem de forma surpreendente para mostrar uma poderosa unidade planetária intercomunicada (SILVA; BORGES, 2023).

A imensa rede de informação contou com o apoio da satelitização, como conector e disseminador que permite com espantosa facilidade o acesso a notícias, crônicas e comentários sobre acontecimentos quotidianos que ocorrem em qualquer parte da superfície terrestre. Portanto, o denominador aldeia do mundo contemporâneo obedece fundamentalmente, segundo Silva e Borges (2023), à contribuição de Marschal McLuhan, que cunhou o conceito de aldeia global como efeito da inventividade na eletrônica e da sua transferência para a melhoria das comunicações. Esse ato determinou reduzir o cenário planetário praticamente a uma pequena aldeia, onde os fatos seriam conhecidos por todos os habitantes do globo e os sistemas fluiriam pelos continentes.

Esta visão futurista de McLuhan é já hoje uma realidade inegável e fica evidente na intensa comunicação da aldeia onde um dos temas amplamente difundidos são as questões ambientais e geográficas. Normalmente, a mídia generaliza o desenvolvimento e a ocorrência desses eventos no cotidiano do planeta, mas o faz com um acento meramente informativo e com pouca ou muito pouca consequência educativa nos cidadãos sobre as causas que dão origem aos acidentes socioambientais, pois, seja o rádio, a imprensa e/ou a televisão, apenas narram de forma descritiva e sem explicações, o acontecimento ocorrido.

O motivo da atenção é que se limitam apenas a mostrar notícias, sem promover a reflexão sobre o ocorrido. Isso faz com que a mídia forneça informações a serem consumidas sem processamento reflexivo. Esse fato é semelhante ao que acontece em sala de aula quando o professor dita e o aluno copia um conceito de ambiente em seu caderno para ser memorizado, mas não entende o que isso significa. No caso da mídia, há ênfase na informação ao consumidor



e não na formação de um cidadão informado e questionador. Em sala de aula, a intenção é fornecer conteúdo em aula.

Ao focar no que é meramente informativo, a atenção coletiva é desviada de aspectos tão preocupantes como os problemas socioambientais. Desta forma, nem os meios de comunicação social nem a escola encorajam explicações para contrariar a deterioração ambiental. Neste sentido, Freitas (2023) consideram preocupante que o grupo social seja educado com estes pontos de vista, uma vez que um trabalho tão superficial cria comportamentos de apatia, relutância e indiferença aos problemas ambientais, uma vez que as pessoas tornam-se e se sentem como seres isolados da natureza, independentes dela, observam o ambiente natural de fora, ignorando sua condição de seres interdependentes e não autossuficientes para manter a vida no planeta.

Nessa perspectiva, é urgente rever a função de fornecer informações concisas com o intuito de simplesmente denunciar e até mesmo o sensacionalismo especulativo que mostra o espetáculo, mas ignora as causas que o originam. Já não há espanto ou surpresa quando, por exemplo, num programa de televisão, são explicados acidentes espetaculares causados por desequilíbrios ecológicos e/ou eventos socioambientais, pois como assuntos atuais, servem apenas para causar certo choque e admiração no público.

Ao questionar esta situação, Sávio (1996) acredita que a mídia divulga a ação que modifica os ecossistemas e deteriora os territórios, para oferecer um panorama mais moderno e revelador da ação organizadora que aproveita o potencial econômico-financeiro do cenário natural. Isto implica que, por um lado, expõem a espetacularidade que se vislumbra instantaneamente, para evidenciar a magnitude do problema ambiental exposto e, por outro, mostram as suas nefastas consequências. É simplesmente especificado em representações para atrair espectadores que consomem temas ambientais e geográficos marcantes, emocionantes e interessantes, que são complementados com publicidade sedutora.

Nas palavras de Lacoste (1977), é a geografia da cortina de fumaça que é fornecida pela mídia para impedir que a comunidade conheça as razões que ajudam a compreender a deterioração ambiental acelerada pelo capitalismo selvagem. Este trabalho de comunicação trouxe à tona a quebra dos equilíbrios ecológicos, mas também são evitadas explicações analíticas e críticas dos danos



ambientais. Por isso, é necessário converter os meios de comunicação em instrumentos didáticos de uma ação pedagógica que eduque a sociedade sobre este tema tão complexo e relevante para o futuro da humanidade, sob uma orientação mais formativa do que informativa.

Com efeito, é urgente aproveitar educacionalmente as notícias veiculadas sobre os problemas ambientais para renovar a prática pedagógica e incentivar a leitura, a observação e a atividade reflexiva nos alunos. É urgente que os cidadãos do mundo global participem nas suas comunidades com um papel ativo e com a firme intenção de conhecer, explicar e fornecer opções de mudança à sua própria realidade ambiental e, com isso, contribuir para a melhoria da sua qualidade de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A complexidade da situação ambiental do mundo contemporâneo pode ser explicada didaticamente com as informações divulgadas pelas mídias sociais sobre acontecimentos ambientais e geográficos, mas é imperativo perguntar qual é a mudança que está sendo promovida? Pois bem, as informações breves e superficiais divulgadas pela imprensa, rádio e televisão podem ser utilizadas para ensinar os temas de Educação Ambiental em sala de aula. Neste sentido, o professor pode rever os conteúdos programáticos, identificar temas, formular questões, colocar problemas, como base para iniciar a procura de recortes de jornais, selecionar programas de rádio sobre temas ambientais e decidir quais programas de televisão ver e incentivar a leitura, educar a reflexão ouvintes de rádio e telespectadores criteriosos.

Trata-se de valorizar pedagogicamente aquele sentido superficial e leve de como as notícias são divulgadas e converter essa superficialidade num extraordinário potencial didático, fornecendo conteúdos informativos com textos e imagens impressionantes. Assim, artigos de imprensa, programas de rádio e televisão podem proporcionar o salto epistemológico e didático do nível do espectador passivo para o leitor, observador e analista diligente, quando na prática cotidiana escolar esses dados são utilizados como objetos de estudo para ensinar a ler, escrever, observar, ouvir, interpretar e desenvolver pontos de vista sobre acontecimentos socioambientais.



Portanto, isso significa que dada a necessidade de promover a Educação Ambiental de acordo com a deterioração ambiental, a mídia pode assumir a condição de recurso didático para desenvolver uma ação educativa que passe de alienante a palco de debate e reflexão; da contemplação apática à observação crítica e da leitura para obtenção de informação à leitura questionadora. Significa, então, que os processos de ensino e aprendizagem podem alcançar excelentes benefícios formativos a partir de notícias, informações e conhecimentos sobre os problemas ambientais, para além da simplicidade da transmissão de conteúdos programáticos, como geralmente ocorre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEERY, T. What we can learn from environmental and outdoor education during COVID-19: A lesson in participatory risk management. **Sustainability (Switzerland)**, 12(21), 1-13, 2020.

BOFF, L. Respeto y cuidado hacia la comunidad de la vida mediante el entendimiento, compasión y amor. En P. Corcoran (Ed.), **La carta de la tierra en acción** (pp. 43-46, 2005). KIT Publishers.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CARNEIRO, Sônia Maria Marchiorato. Fundamentos epistemo-metodológicos da educação ambiental. **Educar em revista**, p. 17-35, 2006.

FACHINA, Stefania; ANDRADE, Thales Haddad Novaes. O perfil dos pesquisadores brasileiros em Educação Ambiental. **Ambiente & Educação: Revista de Educação Ambiental**, v. 27, n. 1, p. 1-25, 2022.

FEBRES C, M. E. **Perfil histórico da evolução da concepção de meio ambiente e educação ambiental: De Estocolmo à Rio 92**. Caracas: Material mimeografado. 1999.



FERRER, A. **Historia de la globalización: Orígenes del orden económico mundial**. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1996.

FREIRE, Laísa Maria; RODRIGUES, Cae. Formação de professores e educadores ambientais: Diálogos generativos para a práxis. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 15, n. 1, p. 106-125, 2020.

FREITAS, Rafael Almeida. Educação ambiental e ambientes virtuais na perspectiva crítica: a dinâmica do ciberespaço. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 7, n. 4, p. 117-131, 2023.

GATO, Maydel Angueria et al. Educação ambiental para estudantes universitários: uma necessidade actual. **Revista Conrado**, v. 20, n. 97, p. 534-542, 2024.

LACOSTE, I. **La geografía: un arma para la guerra**. Barcelona, España: Anagrama, 1977.

LEFF, E. **Discursos Sustentables**. Universidad de Los Lagos, Centro de Investigaciones Sociedad y Políticas Públicas, 2008.

MACIEL, Eloisa Antunes; UHMANN, Rosangela Inês Matos. Ecologia e educação ambiental: um estudo sobre as inter-relações conceituais. **Revista Cocar**, v. 14, n. 30, 2020.

MARIN, Andreia Aparecida. Pesquisa em educação ambiental e percepção ambiental. **Pesquisa em educação ambiental**, v. 3, n. 1, p. 203-222, 2008.

MENDES, Carolina Borghi; LHAMAS, Ana Paula Biondo; MAIA, Jorge Sobral. Aspectos da Educação Ambiental crítica: reflexões sobre as desigualdades na pandemia da COVID-19. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, v. 15, n. 4, p. 361-379, 2020.

NOZENKO, L.; FORNARI, J. **Planejamento curricular**. Caracas: Liberil, 1998.



PEREIRA, Vilmar Alves. Existências ameaçadas: A Educação Ambiental em tempos de COVID-19. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 4, p. 21254-21271, 2020.

REIGOTA, Marcos; SOARES, Maria Lucia. Educação ambiental. **Quaestio-Revista de Estudos em Educação**, v. 6, n. 1, 2004.

REIS, L.; FERNANDES, S. Motivations and challenges on the inclusion of environmental topics in Brazilian physics teacher education courses. **Physics Education**, 56, 035-015, 2021.

ROOS, Alana; BECKER, Elsbeth Leia Spod. Educação ambiental e sustentabilidade. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**, p. 857-866, 2012.

RUDYSHYN, S. D., STAKHOVA, I. A., SHARATA, N. H., BEREZOVSKA, T. V.; KRAVCHENKO, T. P. The effects of using a case study method for environmental education. **International Journal of Learning, Teaching and Educational Research**, 20(6), 319-340, 2021.

RUSCHEINSKY, Aloísio. **Educação ambiental**. São Paulo: Penso Editora, 2009.

SALVADOR, S. L., PASTRANA, M. R.; MARBÁN, J. M. Impact of a metacognitive program on the environmental awareness of the students of the primary education degree. **Revista Eureka**, 16(2), 2501, 2019.

SATO, Michèle. Apaixonadamente pesquisadora em educação ambiental. **Educação: teoria e prática**, p. 24-24, 2001.

SAUVÉ, L. **Perspectivas curriculares para la formación de formadores en educación ambiental** [Ponencia]. I Foro Nacional sobre la Incorporación de la Perspectiva Ambiental en la Formación Técnica y Profesional. Universidad Autónoma de San Luis de Potosí, San Luis de Potosí, México. 2003.



SAVIO, R. Globalización: el nuevo mundo es inquietante. **El Nacional**, p. A8, 1996.

SEDAWI, W., BEN ZVI ASSARAF, O.; REISS, M. J. Indigenous children's connectedness to nature: the potential influence of culture, gender and exposure to a contaminated environment. **Cultural Studies of Science Education**, 15(4), 955-989, 2020.

SILVA, Ricardo; BORGES, Fernanda. ASPECTOS E CONSEQUÊNCIAS DA GLOBALIZAÇÃO NA SUSTENTABILIDADE. **Simpósio de Tecnologia Fatec Jaboticabal**, v. 13, n. 1, p. e13111-e13111, 2023.

SINGH CHAKRABORTY, J., RANJAN PARIDA, B.; SINGH, N. Future Food Sustainability Can Be Traced Back into Local People's Socio-Cultural Roots in Uttarakhand Himalaya, India Assessing Abundance and Ecology of Pollinator Insects in High Altitude Ecosystems of Himalaya: **A Case Study from Kedarnath Wildlife Sanctuary, India View project Micrometeorological measurements and modelling experiments in the Pindari glacier View project Future Food Sustainability Can Be Traced Back into Local People's Socio-Cultural Roots in Uttarakhand Himalaya**, India. 13, 7060, 2021.

SVENSSON, T., WILK, J.; GUSTAFSSON ÅMAN, K. Information literacy skills and learning gaps-Students' experiences and teachers' perceptions in interdisciplinary environmental science. **Journal of Academic Librarianship**, 48(1), 2022.

Trendell, M., & Feldman, A. (2021). Environmental Education in the Secondary Science Classroom: How Teachers' Beliefs Influence Their Instruction of Climate Change. *Journal of Science Teacher Education*, 32(5), 481-499.

VENTURA, Juliana Santos da Silva et al. Projetos Criativos Ecoformadores: relações entre tecnologia e educação ambiental no ensino. **Revista Interações**, v. 17, n. 58, p. 117-142, 2021.

WINKS, L., & WARWICK, P. 'From lone-sailor to fleet': Supporting educators through Wild Pedagogies. **Policy Futures in Education**, 19(3), 372-386, 2021.